

# FORMAÇÃO CONTINUADA DOS COORDENADORES PEDAGÓGICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II: desafios e possibilidades

Vanessa França de Jesus<sup>1</sup>

Gisela de Moura Bluma Marques<sup>2</sup>

## RESUMO

Formação continuada é sempre um tema em discussão quando se trata de educadores. Geralmente, é função do Coordenador Pedagógico promover, na escola onde trabalha, os mecanismos que permitem uma formação continuada reflexiva de qualidade. No entanto, quando se trata do próprio Coordenador Pedagógico, como fica sua formação continuada? Em especial no Ensino Fundamental II, quais dificuldades que esse profissional enfrenta? Este trabalho traz uma reflexão acerca da identidade profissional do Coordenador Pedagógico, e trata da formação inicial nos cursos de Pedagogia que respaldam sua prática na coordenação pedagógica, uma vez que, a formação inicial prepara o profissional para a docência e não para a gestão pedagógica. Essa pesquisa é de base bibliográfica e a luz de diversos autores, dialoga com a realidade de Iaçú, cidade do semiárido baiano, tendo em vista as dificuldades que muitos profissionais encontram ao exercer sua profissão.

**PALAVRAS-CHAVE:** 1 Coordenador Pedagógico. 2 Pedagogo. 3 Formação Continuada.

---

## INTRODUÇÃO

A formação continuada, constantemente, tem sido tema de pesquisa, debates e reflexões sobre a prática dos docentes nas escolas por vários teóricos e estudiosos no Brasil. Geralmente, se destaca a relevância dessa formação continuada como essencial para a organização da escola e da qualidade do ensino oferecido nas instituições públicas e particulares.

Entre os muitos atores participantes na escola, um educador se destaca nesse processo: o Coordenador Pedagógico. A este profissional cabe a tarefa árdua de prover a

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia – Educação Infantil, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB-CAMPUS XIII) e Pós-graduada pela Faculdade de Ciências da Bahia (FACIBA). Coordenadora Pedagógica do município de Iaçú, no Centro Educacional de Iaçú, Iaçú-BA. E-mail: [vfjpedagoga@hotmail.com](mailto:vfjpedagoga@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Docente da Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande - MS - Brasil. Professora Pesquisadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Professora Orientadora do Programa de Pós Graduação -Lato Sensu a Distância UCDB - Portal Educação E-mail: [gisela@ciadasaguas.com](mailto:gisela@ciadasaguas.com)

formação continuada dos docentes e garantir a qualidade da formação pedagógica, deles e inclusive dos discentes.

Vale a ressalva, pois, o problema que motivou esta pesquisa que inquieta muitos profissionais da área é: Como prover a formação continuada dos docentes, enquanto se mantém num processo constante de formação-reflexão-ação-reflexão, principalmente no Ensino Fundamental II, onde se tem muitas disciplinas para o coordenador pedagógico contribuir com a formação continuada dos docentes?

Enquanto, coordenadora pedagógica em Iaçú, cidade do semiárido baiano, entendi a necessidade de formação continuada específica para a função que exerço, pois a formação inicial dada ao pedagogo não oferece subsídios suficientes para sua prática. A inquietação citada, permeia o grupo de coordenadores pedagógicos do Ensino Fundamental II do município, que enfrentam dificuldades para realizar a formação continuada e, também, auxiliar os docentes nas muitas áreas de conhecimento sem mencionar as outras “tarefas” que este profissional assume na escola.

Portanto, torna-se imprescindível refletirmos acerca da formação inicial e continuada do coordenador pedagógico. Propõe-se neste trabalho de conclusão de curso a reflexão sobre alguns aspectos dessa profissão objetivando entender: os desafios da formação inicial do Coordenador Pedagógico nos cursos de Pedagogia; a formação continuada do Coordenador Pedagógico e os desafios no Ensino Fundamental II, bem como o discernimento sobre a prática e as expectativas da formação continuada deste profissional.

## **1 DESAFIOS DA FORMAÇÃO INICIAL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO**

A atuação do Coordenador Pedagógico como profissional da educação ainda é um papel confuso dentro das escolas pela multiplicidade de tarefas. Muitas vezes, ele acaba sendo àquele que faz de tudo um pouco dentro da escola (assessora no planejamento, substitui professores, auxilia no financeiro e administrativo, intermedia sempre com os pais, assiste na merenda, na portaria, soluciona problemas de indisciplina, entre outros) e, por vezes, não consegue “dar conta de nada”. Em alguns momentos, fica tão sobrecarregado de atividades que deixa de ter clareza do papel que realmente deve exercer.

Portanto, para entender melhor tudo isso, analisar a formação inicial desse especialista é de suma importância, sendo que normalmente, os cursos de Pedagogia não preparam o profissional especificamente para a Coordenação Pedagógica, pelo contrário, às vezes, nem se quer, há uma disciplina que trate da temática. Visto que é um curso superior de

visão ampla, o tempo destinado aos estudos da função de coordenação pedagógica é muito reduzido e não há estágios que permitam ao cursista o contato com essa parte da profissão do pedagogo (SOUZA, 2013).

Ao pesquisar sobre o histórico dos cursos de Pedagogia, nota-se que, no decorrer de sua história, já preparou indivíduos para exercerem diversas funções relacionadas ao pedagógico como: técnicos em Educação, especialistas e bacharéis (BRZEZINSKI, 1996). Porém, o curso de Pedagogia, geralmente, na conjuntura atual, prepara os sujeitos para atuarem principalmente, como professores na educação formal (Infantil e Séries Iniciais) e para atuarem em espaços não-formais o que inclui em sua formação, a gestão.

Assim, estudiosos que discutem a formação do pedagogo e do coordenador pedagógico, como Libâneo (2004), Pimenta (2011) e Rossetto (2012), que ainda complementam [...] “outras atuações do pedagogo que não somente o espaço da educação formal e informal, mas também, a educação informal que não apresentam conscientemente uma intencionalidade educativa”. (ROSSETTO; BAPTANGLIN, 2012, p.4). Diante deste amplo rol de formações creditadas ao curso de Pedagogia, enquanto formação inicial é preciso questionar sua identidade e, conseqüentemente, a do Coordenador Pedagógico.

Desta forma, quando pensamos no Coordenador Pedagógico e na função que exerce na escola, percebem-se as idiosincrasias da formação inicial desse sujeito. Pois, para exercer essa profissão na escola, ele precisa estar ciente de sua função, que segundo Paiva (2001) *apud* Pires (2004, p.182) coloca que:

A função primeira do coordenador pedagógico é planejar e acompanhar a execução de todo o processos didático pedagógico da instituição, tarefa de importância primordial e de inegável responsabilidade e que encerra todas as possibilidades como também os limites da atuação desse profissional. (PAIVA, 2001, p.3).

Sendo assim, sua responsabilidade é todo processo pedagógico da instituição escolar, em especial, a formação continuada de professores e o Projeto Político-Pedagógico. Porém, devido à falta de formação inicial que garanta ao Coordenador Pedagógico transparência das demandas de sua profissão, sobretudo, a própria legislação (Federal, Estadual e Municipal) atribui-lhe muitas obrigações, além disso, não há clareza sobre a identidade desse profissional. Temos, portanto, uma “crise de identidade”, uma vez que, não se sabe ao certo o que faz este “indivíduo”: se é supervisor, inspetor, orientador ou coordenador no espaço escolar.

Considerando-se tantas demandas abarcadas pelo curso de Pedagogia, é possível perceber o porquê da identidade do curso ainda está em discussão, pois diante de tantas formações já atribuídas e mudanças na legislação que ocorreram ao longo do tempo, principalmente na década de 1990, no que diz respeito à formação inicial, visto que, precisa de uma identidade definida.

Tendo em vista os fatores abordados, busca-se realizar uma análise mais detalhada dos cursos de Pedagogia à luz das mudanças na Legislação Brasileira que afetam diretamente a função coordenadora nas escolas brasileiras.

## 1.1 OS CURSOS DE PEDAGOGIA EM ANÁLISE

Analisar o curso de Pedagogia oferecido aos profissionais que exercem a Coordenação Pedagógica nos ajuda a perceber o caminho que já foi percorrido nessa profissão. Porém, entremeado nesse processo histórico se encontram as bases da função coordenadora, antes, supervisão e orientação.

No Brasil, historicamente, a função de coordenador se inicia muito antes dos cursos de Pedagogia com figuras que caracterizavam a função de supervisão escolar. Por exemplo, pode-se afirmar que a figura do “coordenador pedagógico” no modelo de educação jesuítico se fazia presente na pessoa do “prefeito de estudos”. Esse sujeito exercia a supervisão e acompanhamento do trabalho dos professores e fazia com que a programação de estudos fosse cumprida à risca. A partir de 1759, com a Reforma Pombalina, permanece a função de diretor de estudos.

Durante o Império, segundo Saviani (1984), ocorreu a separação entre as funções técnicas e administrativas e isso contribuiu para o surgimento das figuras do diretor e supervisor escolar. Já nos anos 1930, a alteração foi significativa à mudança de foco na supervisão do professor para o aluno. No entanto, a supervisão era diretiva e servia para garantir o andamento dos trabalhos. Vale ressaltar que, o curso de Pedagogia foi instituído em 1939 pelo decreto-lei nº. 1.190/39, que validava o Curso Superior de formação de professores criado em 1935, que visava a formação de diversos profissionais em Educação, inclusive, segundo Furlan (2005), o setor pedagógico nas instituições de ensino.

Assim, podemos afirmar que desde o início o curso de Pedagogia vive uma indefinição, uma dicotomia no campo da formação do educador: professor versus especialista, bacharelado versus licenciatura, generalista versus especialista, técnico em educação versus professor (BRASIL, 2012).

Por volta dos anos 50, volta à baila a figura do supervisor para dar conta do modelo econômico desenvolvimentista adotado pelo país de origem americana que trazia em seu bojo a concepção de educação como alavanca da transformação social (PIRES, 2005). Essas mudanças trouxeram impactos à formação do pedagogo, pois segundo Pires (2005):

É importante assinalar que ainda sob a influência da orientação norte-americana, no final da década de 60, ocorre no Brasil a Reforma do Ensino Universitário - Lei nº 5.540/68 – que implanta no curso de Pedagogia as especializações, habilitando o profissional em educação para exercer as atividades de orientação, administração, supervisão e inspeção. Essa orientação legal foi operacionalizada através do Parecer do Conselho Federal de Educação nº 252/69 que estabelece os currículos mínimos do curso de Pedagogia. A partir de então, a formação do supervisor escolar passa a ser obtida pela graduação no curso de Pedagogia na modalidade específica. (PIRES, 2005, p.27).

Diante da citação acima, fica clara a identidade confusa do curso de Pedagogia habilitando em diversas especializações, não só a formação do professor, mas, de outros profissionais que atuariam dentro da escola. É visível, também, a visão tecnicista que permeava o curso, pois a formação se caracterizava por “múltiplas divisões” estabelecidas que viessem a ser generalizadas pela Lei nº. 5.692/71.

No entanto, durante esse período em que ocorria o processo de industrialização no Brasil, paralelamente se vivia a Ditadura. Num caráter tecnicista, cada profissional dentro da escola tinha sua função e, a do Supervisor Pedagógico foi criada tendo por objetivo fiscalizar e controlar as atividades e projetos dentro da escola. Sua atuação era repressiva e intimidadora, contribuía para que a função gerasse asco nos docentes que se viam pressionados. Assim nasceu a função de coordenação pedagógica, pois o supervisor era um técnico pedagógico.

Podemos dizer que a função de supervisão estava imbricada à ideia de repressão e fiscalização. As mudanças políticas e econômicas que ocorreram no Brasil nas décadas de 80 e 90 trouxeram por assim dizer, inovações que requereram dos burocratas uma nova forma de organização da educação, segundo o modelo atual, onde não cabia mais as mesmas ideias, pois se almejava a qualidade da educação numa gestão mais democrática e não ditatorial. Com a Constituição Federal de 1988, promulgando como resultado das lutas políticas e sociais que o país viveu processos mais democráticos; estabeleceram-se mudanças na Educação que afetaram não só a função de supervisão/coordenação, mas também aspectos na formação dos sujeitos, especialmente no curso de Pedagogia.

Após a LDBEN (Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) Lei nº. 9.394/96, uma série de discussões veio à tona, entre elas a questão da identidade do pedagogo, pois a redação da lei dava a entender em seu discurso a falta de função deste curso. Mas, segundo Furlan (2005), novas discussões fizeram com que o Ministério de Educação e Cultura (MEC) em 1998, formasse a primeira comissão de especialistas que tiveram a missão de receber as propostas das universidades para a formação do novo currículo do curso. Em resultado às demandas se estabeleceu em 2006 as Diretrizes Curriculares Nacionais afirma que:

[...] a identidade do curso de Pedagogia deve ser pautada pela na docência, implicando a licenciatura como identidade consequente do pedagogo. As habilitações foram extintas, o curso de Pedagogia – licenciatura - deverá agora formar integralmente para o conjunto das funções a ele atribuídas. O pedagogo agora deverá ter uma formação teórica, diversidade de conhecimentos e de práticas, que se articulam ao longo do curso (FURLAN, 2005, p. 3873).

Ou seja, após mais de 70 anos da existência do curso, enfim ficou estabelecido que este fosse uma licenciatura, que formasse amplamente sujeitos que viesse a lidar com diversos aspectos da Educação, mas, essencialmente com a docência. Contudo, apesar de seu aspecto amplo e do currículo específico e crítico, as mudanças foram criadas com o intuito de preparar os pedagogos para atuarem em espaços formais e não formais, mesmo considerando que ainda há muitos elementos a serem averiguados para que de fato se tenha uma formação plena e uma “identidade profissional construída”. Cabe a ressalva que, preparar o profissional para lidar com todas as nuances e pertinências dessa formação, entre elas, a coordenação pedagógica, ainda é pouco direcionado no currículo do curso.

## 1.2 AS NUANCES DA PRÁTICA DIÁRIA EM IAÇU - BA

Como vimos à própria identidade do curso de Pedagogia, apesar de estar estabelecida continua em discussão, pois o estudante precisa sentir ao longo do curso que todos os aspectos inseridos no bojo da profissão sejam realmente estudados e pesquisados durante a licenciatura. No entanto, ainda há um caminho a ser percorrido, pois um dos elementos ainda pouco discutidos no curso é a função de coordenação pedagógica.

O Coordenador Pedagógico precisa ser um pedagogo segundo a LDB. Por sua formação crítica arraigada na docência, subtende-se que ele seja capaz de lidar com todos os

aspectos que norteiam as práticas escolares. Mas, como já dito, é um profissional que por vezes se vê perdido e angustiado. Segundo a pesquisa de Serpa (2011), isso se dá porque ele não tem formação em gestão e sai da sala de aula ou dos cursos de graduação direto para a função coordenadora sem ter e dominar as devidas competências e estratégias para atuar. (Souza, 2013).

Pensando no município de Iaçú, existem em torno de 30 profissionais, divididos em Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e EJA (Educação de Jovens e Adultos). Esses profissionais têm a tarefa básica de acompanhar as atividades docentes, organizar a formação continuada nos planejamentos e dar conta dos aspectos pedagógicos da escola.

A motivação deste trabalho de conclusão de curso foi justamente as angústias do grupo de Ensino Fundamental II, que por vezes reclama que a formação continuada oferecida ao Coordenador Pedagógico ainda é deficiente e não dá conta das necessidades que os profissionais enfrentam na escola. Geralmente, as demandas que eles têm nos espaços escolares que atuam vão desde lidar com aspectos burocráticos que cabe a direção, substituir professor quando necessário, atender os pais e outras demandas que surgirem. Infelizmente, todas essas atribuições tiram o foco do principal: o pedagógico da escola, além de sobrecarregá-lo.

A formação continuada oferecida pelo município aos coordenadores do Ensino Fundamental II, são reuniões onde se discute a prática coordenadora, a ação docente, os resultados e se reflete à luz de algum teórico previamente escolhido pela coordenação geral como Libâneo (2001) Zabala (2010) Lerner (2002) etc., assim, as possibilidades que são oferecidas dentro do grupo são de acordo com as necessidades enfrentadas pela educação municipal ou da própria escola. Não há um plano de trabalho específico do município a ser seguido que direcione a formação continuada do Coordenador Pedagógico.

Essa realidade é discutida por André e Vieira *apud* Placo (2003, p.47):

[...] quando nos alerta que “o cotidiano do coordenador [...] é marcado por experiências e eventos que o levam a uma [...] atuação desordenada, ansiosa, imediatista e reacional, às vezes frenética...” o que significa que a mudança deve partir dele mesmo que deve tirar tempo para investir em sua “formação continua, reservando tempo para ler, estudar, pensar, criticar a prática cotidiana e rever constantemente as intenções.” (ANDRÉ; VIEIRA, 2006, p.23).

O fato de que a formação continuada do coordenador deve ser uma busca individual, geralmente, contribui para ampliar a angústia, inclusive da coordenadora geral que

reclama da ausência de uma formação mais organizada, uma vez que, fica a critério do formador decidir qual caminho irá seguir para responder as demandas postas pelo grupo. O que, obviamente, não elucida a problemática nem mesmo otimiza e organiza a prática diária do Coordenador Pedagógico, visto que não recebeu ajuda na formação inicial.

Quando se trata do Ensino Fundamental II que abarca uma quantidade de disciplinas esse desafio fica maior, pois requer do coordenador uma visão de pesquisador que o ajude a colaborar com o professor para a melhoria de sua atividade pedagógica. Devido a muitas demandas, às vezes, falta tempo hábil para cumprir com suas tarefas pedagógicas.

## **2 COORDENADOR PEDAGÓGICO UM FORMADOR EM CONSTANTE FORMAÇÃO**

O Coordenador Pedagógico se faz na prática cotidiana, essa máxima fica clara quando se percebe que é com a experiência profissional que ele aprende, se organiza e conscientiza-se de sua função primeira na escola: o pedagógico.

A consciência de que a formação continuada é essencial para que esse profissional possa sempre ter subsídios teóricos que dialoguem com a prática da sala de aula e, com todos os aspectos que permeiam a realidade escolar, faz com que ele esteja em constante busca. Durante essa pesquisa, foi possível ver que se discute muito a função do Coordenador Pedagógico dentro da escola enquanto formador, mas pouco se discute a formação continuada do formador (Coordenador Pedagógico), dentro da escola ou município em que atua.

Para Souza, (2013) *apud* Cruz, Lima e Castro (2009), percebe-se a identidade profissional do Coordenador Pedagógico como uma construção social. Logo, a prática tem forte influência em seu trabalho que é muito teórico, uma vez que, lhe cabe a função de discutir a teoria associada à prática. O que requer deste profissional formação continuada constante.

### **2.1 DESAFIOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DO COORDENADOR PEDAGÓGICO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Ao ser citado que a função do Coordenador Pedagógico é cuidar dos aspectos pedagógicos da escola, parece simples tal definição. Porém, quando se observa a realidade de múltiplas tarefas sobrepostas no cotidiano deste profissional ficam visíveis os desafios que estão inerentes em sua práxis pedagógica. A relação com os professores é um dos grandes

desafios, visto que, um dos ranços da profissão é seu passado autoritário e fiscalizador. Atualmente, o Coordenador Pedagógico precisa se fixar como parceiro na ação docente, não como quebra-galhos, como guru, substituto, ou outra coisa que signifique a resolução dos problemas do professor, mas como parceiro na mediação dos percalços encontrados na ação docente. Sua prática com os docentes precisa ser transformadora. Para Orsolon (2006):

O coordenador pode ser um dos agentes de mudança das práticas dos professores mediante as articulações que realiza entre estes, num movimento de interações permeadas por valores, convicções, atitudes; e por meio de suas articulações internas, que sua ação desencadeia nos professores, ao mobilizar suas dimensões políticas, humano - interacionais e técnicas, reveladas em sua prática. (ORSOLON, 2006, p.20).

Ter essa perspectiva transformadora de si mesmo é outro desafio, pois no Ensino Fundamental II, por exemplo, o Coordenador Pedagógico coordena várias áreas do conhecimento e para alguns docentes não há razão de ser, alguém que não tem formação em sua área de atuação querer dar sugestões em sua prática cotidiana.

No entanto, a função do Coordenador Pedagógico também é um ato político e reflexivo, que deve levar o docente a questionar como, por que e quando tal ação deve ser revista e quais práticas podem contribuir para a aprendizagem e tais elementos independem do conhecimento específico da área de atuação do docente. Para Tardif (2002) *apud* André e Vieira (2006), a proposta do Coordenador Pedagógico deve ser sempre de repensar a formação dos professores, e num trabalho, essencialmente, interativo.

Tal problemática é posta porque os docentes tendem a hierarquizar os saberes em função de sua utilidade na profissão. Para André e Vieira (2006) isso acontece por que:

[...] os saberes oriundos da experiência de trabalho cotidiano são considerados os mais importantes, são o verdadeiro alicerce da prática e da competência profissionais. Os saberes da experiência são saberes práticos que formam a um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem, e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões (ANDRÉ; VIEIRA, 2006, p.15).

Outro enorme desafio do Coordenador Pedagógico é a não estagnação, pois os saberes se modificam constantemente exigindo dele sempre a transformação de sua prática. Como vimos antes, independentemente de sua formação continuada ser em conjunto ou individual, não se pode deixar nunca de estudar e ter visão crítica do trabalho para

re-significar sua prática. Tal desafio está posto pela própria rotina desgastante de muitos Coordenadores Pedagógicos que estão “atolados” de trabalho no espaço escolar.

Isso nos leva a mais um desafio do Coordenador Pedagógico que segundo Serpa (2011) é a “crise de identidade”, pois o indivíduo não tem clareza de suas tarefas dentro do ambiente escolar. Faz-se necessário essa clareza, para que se possam estabelecer limites específicos dentro do espaço escolar e não se exija desse profissional algo além de suas funções que, possivelmente, interfira nos aspectos pedagógicos da escola.

Todos os elementos aqui citados se constituem em desafios à formação continuada do coordenador pedagógico que, infelizmente, deve ser formador, mas nem sempre se encontra em constante formação. E para que seja bem sucedido em seu trabalho pedagógico e cumpra sua função que é “favorecer o processo de ensino e promover a aprendizagem no espaço escolar” (ALMEIDA; PLACCO, 2006), precisa permanecer num processo de reflexão-ação-reflexão que lhe dê condições e ter clareza em seu trabalho.

### **3 REFLEXÃO-AÇÃO-REFLEXÃO - EXPECTATIVAS DA FORMAÇÃO CONTINUADA**

Todo trabalho do Coordenador Pedagógico consiste em planejar, sobretudo, as ações que melhor vão direcionar a escola no pedagógico, e que perpassa pelo Projeto Político Pedagógico. Planejar junto ao docente o percurso da ação pedagógica dentro de sua disciplina e também ampliar a visão acerca da avaliação que melhor vai responder às demandas apresentadas pelo alunado e, assim, contribuir para melhorar os resultados externos da escola

Para Libâneo (2004):

O planejamento escolar consiste numa atividade de previsão de ações a ser realizada, implicando definição de necessidades a atender, objetivos a atingir dentro das possibilidades. Isso deve ser focado pelo coordenador junto aos docentes. (LIBANEO, 2004, p. 149).

Para que isso ocorra da melhor forma, o Coordenador Pedagógico precisa estar num constante processo de ação/reflexão/ação e com respeito à sua práxis pedagógica, necessita, progressivamente, avançar em sua formação continuada para que venha contribuir com a escola por meio do planejamento.

Infelizmente, nem sempre haverá uma formação continuada direcionada ao Coordenador Pedagógico que o ajude nesse processo, mas cada sujeito precisa ser objeto de sua mudança para que a ação seja transformadora do ambiente escolar.

Para Orsolon (2001):

[...]o coordenador é apenas um dos atores que compõe o coletivo da escola. Para coordenar, direcionando suas ações para a transformação, precisa estar consciente de que seu trabalho não se dá isoladamente, mas nesse coletivo, mediante a articulação dos diferentes atores escolares, no sentido da construção de um projeto político pedagógico transformador. É fundamental o direcionamento de toda equipe escolar, com a finalidade de explicitar seus compromissos com tal prática político pedagógica realmente transformadora. (ORSOLON, 2001, p. 19).

Ou seja, cabe ao coordenador ser um sujeito autônomo em suas ações e disposto a ouvir seus pares no coletivo escolar, ter noção de gestão pedagógica para que possa atuar coletivamente na escola, não apenas fiscalizando ou dando receitas prontas, mas trocando experiências, discutindo resultados e revendo, constantemente, ações que possam ampliar a dimensão político pedagógica da escola. Sua função é extremamente necessária como articulador pedagógico e fio condutor de uma ação transformadora.

Nas mãos desse profissional está a gestão dos aspectos pedagógicos, e como sua formação inicial adquirida nos cursos de Pedagogia, direcionam sua práxis para a função docente, ele deve refletir sobre sua identidade pedagógica, quem é e por que está na escola e para quê. Ele é muito mais do que um professor, pois sua visão precisa ser mais ampla e seu trabalho pedagógico mais dinâmico.

Suas ações precisam ser avaliadas e mensuradas, frequentemente, junto à equipe escolar para que se possam caminhar coletivamente e os ranços fiquem para trás. O coordenador é parceiro e ao mesmo tempo direcionador das práticas pedagógicas. Para tal atitude é preciso estar consciente de seu papel na dinâmica escolar.

Como vimos por vezes, a própria falta de uma identidade profissional contribui para a insegurança e angústia desse profissional, mas, a busca por formação continuada e a experiência constrói a dinâmica identitária desse sujeito. Freire (1997), expressa bem em suas palavras o que deve ser a meta coordenadora nas escolas, principalmente aos novos profissionais em atuação e que estão construindo sua caminhada quando diz:

Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta à certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela

própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer (FREIRE, 1997, p.26).

E assim se faz a prática coordenadora, alicerçada na busca por uma saber que ainda não se construiu com base num saber já construído. A reflexão precisa estar no cerne das atividades de coordenação que traz a seu cotidiano um desafio contínuo. Porém, ressalta-se que ele precisa ter a clareza na atuação escolar.

Serpa (2011), em pesquisa para a Fundação Victor Civita, publicada em revista NOVA ESCOLA, nº.6, p.17, destaca quais ações são atribuições do coordenador pedagógico dentro da escola.

O que fazer: Garantir a realização semanal do horário de trabalho pedagógico coletivo 78% afirmam reunir-se periodicamente com todos os professores, porém só isso não basta. É preciso ter tempo para planejar e tornar mais produtivos esses momentos. Organizar encontros de docentes por área e por série Só 27% declaram reunir os professores por disciplina, para tratar de conteúdo específicos, e 31% por ano, para conversar sobre as turmas. Dar atendimento individual aos professores Apenas 19% discutem com cada docente da equipe e sugerem novas estratégias de ensino, após observar as práticas pedagógicas em sala de aula. Fornecer base teórica para nortear a reflexão sobre as práticas Não mais de 31% apontam o preparo dos docentes como um dos principais problemas da coordenação pedagógica. Conhecer o desempenho da escola em avaliações externas 47% dos entrevistados citaram um número que está fora da escala do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), embora a maioria afirme saber o resultado da escola. Mais do que ter o número, é essencial usá-lo para guiar o planejamento em equipe. (SERPA, 2011, p.17).

Para que ele possa fazer o que foi dito por Serpa (2011), torna-se necessário que o Coordenador Pedagógico use estratégias bem definidas para poder alcançar seus objetivos, sem se perder no meio de um monte de atribuições que lhe são muitas vezes imposta. Algumas dessas estratégias são as participações em grupos de estudo, leituras teóricas que subsidiem a prática e, constantemente, estarem cientes do contexto histórico político e pedagógico que envolve o papel da coordenação. Quanto a este último aspecto, envolve conhecer as leis e pareceres que tem a ver com a profissão e sua identidade.

A participação em grupos de estudo permite a discussão coletiva da prática de cada Coordenador Pedagógico em sua escola. Tais discussões subsidiam o aprimoramento profissional e a busca de soluções para os problemas do dia a dia. As inquietudes em relação

ao fazer pedagógico podem ser minimizadas junto aos pares. Alarcão (2007) afirma que a reflexão em contexto prático é uma forte estratégia formativa.

Se a capacidade reflexiva é inata no ser humano, ela necessita de contextos que favoreçam o seu desenvolvimento, contextos de liberdade e responsabilidade. [...] Nestes contextos formativos com base na experiência, a expressão e o diálogo assumem um papel de enorme relevância. Um triplo diálogo, poderei afirmar. Um diálogo consigo próprio, um diálogo com os outros incluindo os que antes de nós construíram conhecimentos que são referência e o diálogo com a própria situação, situação que nos fala, como Shön nos refere na sua linguagem metafórica. (ALARCÃO, 2007, p. 45-46)

Proporcionar aos Coordenadores Pedagógicos encontros formativos em que se discutem a prática à luz da teoria refletindo sobre as situações cotidianas, contribui para que os professores e coordenadores tenham também um sentimento de pertença, de identidade que lhes proporcione conforto. Estar ciente de suas atribuições é o primeiro passo para o sucesso. Perceber-se com outros que estão caminhando na mesma direção, também faz com que a angústia desse profissional diminua.

Não basta refletir sobre a ação, é preciso construir uma nova ação com base na reflexão. Um modo de fazer isso é ler e discutir as teorias que embasam o fazer pedagógico. A teoria não pode se distanciar da prática, pois o fazer pedagógico é também teórico. O estudo teórico está diretamente ligado ao ato de pesquisar. Essa última, também deve ser parte integrante da prática. A resolução de questões do cotidiano escolar deve ser objeto de pesquisa com vistas a melhorar a realidade.

Segundo Paiva (2001) apud Thiollent (2005):

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com resolução de um problema coletivo e no quais os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2005, p. 16).

Assim, o coordenador pode e deve ter, também, uma atitude investigativa baseando-se na teoria para buscar resolver um problema da realidade escolar, uma vez que, professores e coordenadores são por profissão pesquisadores. Visto que a prática pedagógica é permeada de desafios o fio condutor da aprendizagem significativa deve ser a necessidade de mudar e transformar a realidade na qual estão inseridos.

Vencer o desafio da falta de tempo é outro fator que interfere na práxis do Coordenador Pedagógico, pois, por vezes ele fica tão sobrecarregado que não lhe sobra tempo hábil para ler e estudar. No entanto, voltamos a ressaltar que é preciso ter clareza dos papéis que são atribuídos ao Coordenador Pedagógico para que ele se dê conta de sua função primordial na escola: o pedagógico.

Só assim, ele terá consciência de sua trajetória profissional que envolve uma longa caminhada em torno da identidade do pedagogo, do curso de Pedagogia e dos caminhos que envolvem a própria profissão e a formação inicial e continuada do Coordenador Pedagógico. Todos esses aspectos definem e norteiam a prática consciente e político pedagógico do coordenador nas escolas.

Isso posto evidencia-se que, a atitude de busca constante sirva para que se direcionem melhor as ações de formação continuada para o Coordenador Pedagógico, sendo esta uma atribuição das Secretarias de Educação dos municípios e que envolvem todas as esferas que lidam com a Educação no Brasil. Pois, uma Educação de qualidade passa por uma formação qualificada e direcionada pautada na reflexão das ações pedagógicas e também nas dimensões coletivas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando-se tudo que foi explicitado até aqui, podemos afirmar que a identidade da função coordenadora está fortemente associada à identidade do curso de Pedagogia, formação inicial desse profissional. As muitas mudanças na grade curricular do curso e o fato de que ele prepara, principalmente, para a função docente, é um dos entraves à formação inicial do pedagogo, coordenador pedagógico.

Fui levada a perceber que as dificuldades encontradas no cotidiano do Coordenador Pedagógico quanto a sua formação continuada, é um desafio constante, pois cabe a este profissional a função de oferecer a formação continuada aos docentes, porém, para fazer isso ele precisa ter subsídios teóricos e práticos que sustentem sua práxis pedagógica.

Devido à multiplicidade de funções atribuída a esse profissional no espaço escolar, geralmente permeia um sentimento constante de angústia, tornando-se necessário, conforme a pesquisa feita, a clareza quanto a sua identidade profissional e de sua função dentro do espaço escolar: cuidar do pedagógico da instituição.

Conforme objetivo proposto foi possível ver que a dificuldade quanto a identidade profissional se dá em decorrência do próprio histórico da profissão, que ao longo dos anos

teve uma identidade indefinida. Os ranços da atividade supervisora do período da ditadura, por vezes, ainda permeia o imaginário do professor e cabe ao coordenador pedagógico ter uma prática mediadora e dialógica.

É perceptível ao Coordenador Pedagógico o processo constante de ação/reflexão/ação, pois, uma vez que, ele realiza seu trabalho precisa refletir sobre a prática à luz da teoria, ressignificando suas ações sempre. Ele fará isso na formação continuada dos professores com quem trabalha e também com seus pares nas reuniões de Coordenação Pedagógica, caso haja no município.

No caso de Iaqu - BA, a pesquisa demonstra que o município está no rumo certo, pois já promove as reuniões de cunho reflexivo da prática e propõe a partir da teoria a resolução dos problemas enfrentados no cotidiano escolar. No entanto, ressalta-se a necessidade de estruturação de um plano de formação continuada do coordenador na esfera municipal, para que as ações não fiquem apenas a cargo da coordenação geral aleatoriamente.

Vale destacar também, que a esse profissional é necessário buscar a formação continuada, constantemente, pois sua prática é dinâmica e requer dele uma visão ampliada das atividades da escola e o planejamento e replanejamento das atividades com vista a transformação da realidade escolar.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2007.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria N. de S. [et al] **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança**. 6ª Edição, dez de 2007. Edições Loyola, São Paulo, Brasil: 2001.

\_\_\_\_\_. **O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil: 2006.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de; VIEIRA, Marili M. da Silva. **O coordenador pedagógico e a questão dos saberes**. In: ALMEIDA, L.R.; PLACCO, V.M.N.S. O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade. Edições Loyola, São Paulo, Brasil: 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. **Comissão de Especialistas de Ensino de Pedagogia**. 2012 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/Pedagogia.pdf> Acesso em: 09/01/2017

BRZEZINSKI, Iria. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores**: Busca e Movimento. Campinas, SP: Papirus, 1996.

FRANCO, Denise Vieira. **COORDENADOR PEDAGÓGICO**: identidade em questão. Dissertação apresentada ao programa de Pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2006. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppge/files/2009/07/denise.pdf> Acesso em: 01/12/2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 3. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

FURLAN, Cacilda Mendes A. **História do curso de pedagogia no Brasil**: 1939-2005. Disponível em: [www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/autores3.html](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/autores3.html). Acesso em 25 de Novembro de 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5. Ed. ver. e ampl. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MENDES, Ana Paula Bonachini. **Formação de coordenadores pedagógicos na educação infantil**: identidade profissional e formação contínua no sistema de ensino de Araçatuba. Disponível em: [http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda\\_eventos/inscricoes/PDF\\_SWF/13858.pdf](http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/13858.pdf) Acesso em: 09/01/2017.

ORSOLON, Luiza Angelina Marino. **O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola**. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. O Coordenador pedagógico e o espaço da mudança. Edições Loyola, São Paulo, Brasil: 2001. 6ª edição, Dezembro de 2007.

PAIVA, Hélia Pinto. **O coordenador pedagógico e os dilemas de suas atribuições**. Curso de Pós-Graduação em Coordenação Pedagógica, 2001. Disponível em: [http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/uft/file.php/1/moddata/data/1003/1221/2419/O\\_COORDENADOR\\_PEDAGOGICO\\_E\\_OS\\_DILEMAS\\_DE\\_SUAS\\_ATRIBUICOES.pdf](http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/uft/file.php/1/moddata/data/1003/1221/2419/O_COORDENADOR_PEDAGOGICO_E_OS_DILEMAS_DE_SUAS_ATRIBUICOES.pdf). Acesso em 26/12/2016.

PIMENTA, Selma Garrido. (Org.) **Pedagogia e pedagogos**: caminhos e perspectivas. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PIRES, Ennia Débora Passos Braga. **A prática do coordenador pedagógico-limites e perspectivas.** Dissertação, (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **O coordenador pedagógico no confronto com o cotidiano da escola.** In: ALMEIDA, L.R.; PLACCO, V.M.N.S. (orgs.) O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola. São Paulo, Loyola, 2003, p. 47-60.

ROSSETTO, Gislaine A. R. a Silva; BAPTANGLIN, Leila Adriana. **Formação Inicial no curso de Pedagogia:** a atividade docente de estudo e aprendizagem da docência. IX ANPED SUL, Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Disponível em: [http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Formacao\\_de\\_Professores/Trabalho/05\\_19\\_43\\_976-7216-1-PB.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Formacao_de_Professores/Trabalho/05_19_43_976-7216-1-PB.pdf) Acesso em: 24/11/2016

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia.** São Paulo: Autores Associados, 1984.

SERPA, Dagmar. **Coordenador Pedagógico vive crise de identidade.** Gestão Escolar. Edição Especial, nº.6, Junho de 2011. Disponível em: <http://acervo.novaescola.org.br/pdf/coordenacao-formacao.pdf> Acesso em: 23/12/2016.

SOUZA, Fabíola Jesus de; SEIXAS, Grazielle Oliveira; MARQUES, Tatyane Gomes. **O coordenador pedagógico e sua identidade profissional.** Dossiê temático. Política e Gestão da Educação. UESB. V.9, n. 15, p. 39-56. Jul./Dez. 2013. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/1958/1695> Acesso em: 25/11/2016

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petropolis, RJ: Vozes, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de pesquisa-ação.** 14ª. Ed. São Paulo. Cortez, 2005.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.) **Projeto Político Pedagógico da escola uma construção possível.** Campinas – SP: Papirus, 1995.

VENAS, Ronaldo Figueiredo. **A transformação da coordenação pedagógica ao longo das décadas de 1980 e 1990.** VI Colóquio de Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão/SE, 2012. Disponível em: [http://educonse.com.br/2012/eixo\\_17/PDF/47.pdf](http://educonse.com.br/2012/eixo_17/PDF/47.pdf) Acesso em: 07/01/2017.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998. Reimpressão, 2010.